

São José – Coração de Pai (vídeo)

São José, o pai putativo de Jesus, é um santo não muito conhecido, sobre o qual pouco se escreveu porque não há muitos testemunhos sobre ele. No entanto, seu culto tem aumentado constantemente nos últimos tempos, um sinal da poderosa intercessão que esse santo e silencioso trabalhador tem junto de Deus.

Desde a antiguidade, vários Padres da Igreja já demonstravam uma terna devoção a São José, o pai putativo de Jesus. A palavra latina “*puto*” significa “eu creio”, ou seja, ele foi aquele “que se acreditava” como seu pai (cf. Lc 3,23). Outros santos da Igreja também manifestaram o próprio culto a ele. A expressão mais famosa é encontrada em Santa Teresa de Jesus (de Ávila), quando ela diz: “Até agora não me lembro de ter pedido a ele um favor que não me tenha concedido. É impressionante pensar nas graças extraordinárias que Deus me concedeu e nos perigos dos quais ele me livrou, tanto materiais quanto espirituais, por meio da intercessão desse santo bendito. Enquanto para outros santos parece que o Senhor nos socorre em uma única necessidade, tenho experimentado que o glorioso São José vem em nosso auxílio em todas elas. Portanto, o Senhor quer que entendamos que, da mesma forma que ele era submisso a ele na terra – onde São José, que era seu pai, tendo a custódia dele, podia lhe dar ordens – também no céu ele faz o que ele lhe pede. Outras pessoas, a quem eu costumava dizer que se confiassem a ele, descobriram que isso era verdade, e agora há muitos que se tornaram devotos dele, porque experimentaram essa verdade”. (*Livro da Vida*).

A difusão de seu culto teve uma progressão constante. Em 1726, seu nome foi incluído na Ladainha dos Santos. Em 1833, foi aprovado o pequeno ofício de São José a

ser rezado às quartas-feiras. Em 1844, o nome do santo foi incluído entre as invocações nas orações a serem recitadas após a missa. Em 1847, o Papa Pio IX estendeu a festa do Patrocínio de São José a toda a Igreja, uma celebração que seria substituída em 1956 pela de São José Operário, designada para o dia 1º de maio. No entanto, o que dará maior destaque será a declaração de São José como Patrono da Igreja Universal, que ocorreu em 8 de dezembro de 1870 pelo Beato Papa Pio IX com o decreto *Quemadmodum Deus*. Assim começou esse decreto:

“Da mesma maneira que Deus havia constituído José, gerado do patriarca Jacó, superintendente de toda a terra do Egito para guardar o trigo para o povo, assim, chegando a plenitude dos tempos, estando para enviar à terra o seu Filho Unigênito Salvador do mundo, escolheu um outro José, do qual o primeiro era figura, o fez Senhor e Príncipe de sua casa e propriedade e o elegeu guarda dos seus tesouros mais preciosos.

De fato, ele teve como sua esposa a Imaculada Virgem Maria, da qual nasceu pelo Espírito Santo, Nosso Senhor Jesus Cristo, que perante os homens dignou-se ter sido considerado filho de José, e lhe foi submisso. E Aquele que tantos reis e profetas desejaram ver, José não só viu, mas com Ele conviveu e com paterno afeto abraçou e beijou; e além disso, nutriu cuidadosamente Aquele que o povo fiel comeria como pão descido dos céus para conseguir a vida eterna. Por esta sublime dignidade, que Deus conferiu a este fidelíssimo servo seu, a Igreja teve sempre em alta honra e glória o Beatíssimo José, depois da Virgem Mãe de Deus, sua esposa, implorando a sua intercessão em momentos difíceis.”

Em 15 de agosto de 1889, o Papa Leão XIII enviou a Carta Encíclica *Quamquam Pluries*, na qual recomendava a devoção a São José. Com essa encíclica, foi também difundida a agora clássica oração “A vós, São José, recorreremos”.

Em 1909, a Santa Sé aprovou uma ladainha em honra

de São José proposta a toda a Igreja, sancionada pelo Papa São Pio X e publicada na [*Acta Apostolicae Sedis*](#).

Em 9 de abril de 1919, o Papa Bento XV inseriu no Missal um Prefácio próprio a São José. Mais tarde, o Papa João XXIII quis incluir o nome de São José no Cânon Romano. E em 1º de maio de 2013, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos estabeleceu a inclusão do nome de São José em todas as Orações Eucarísticas (II, III, IV) do Missal Romano, por meio de um [decreto](#) aprovado pelo Papa Francisco.

Em 25 de julho de 1920, por ocasião do 50º aniversário da proclamação de São José como Patrono da Igreja Universal, o Papa Bento XV emitiu um motu proprio, *Bonum sane*, no qual confirmava a devoção a São José.

Os papas Pio IX e Pio XI consagraram o mês de março a São José.

Em 7 de março de 1958, o Papa Pio XII mandou publicar uma oração a São José na [*Acta Apostolicae Sedis*](#) e a enriqueceu com uma indulgência parcial. Nós a apresentamos a seguir.

“Ó glorioso Patriarca São José, humilde e justo artífice de Nazaré, que destes a todos os cristãos, mas especialmente a nós, o exemplo de uma vida perfeita no trabalho assíduo e na admirável união com Maria e Jesus, assisti-nos em nossa labuta diária, para que também nós, artífices católicos, encontremos nela o meio eficaz de glorificar o Senhor, santificar-nos e ser úteis à sociedade em que vivemos, ideais supremos de todas as nossas ações.

Obtende-nos do Senhor, ó nosso amado Protetor, humildade e simplicidade de coração, afeição pelo trabalho e bondade para com aqueles que são nossos companheiros nele, conformidade com as vontades divinas nas inevitáveis provações desta vida e alegria em suportá-las, consciência de nossa missão social

específica e senso de nossa responsabilidade, espírito de disciplina e oração, docilidade e respeito pelos superiores, fraternidade para com os iguais, caridade e indulgência para com os empregados. Acompanhai-nos nos tempos de prosperidade, quando tudo nos convida a desfrutar honestamente dos frutos de nosso trabalho; mas amparai-nos nas horas tristes, quando os céus parecem fechar-se sobre nós e até mesmo os instrumentos de trabalho parecem rebelar-se em nossas mãos.

Que nós, imitando-vos, mantenhamos nossos olhos fixos em nossa Mãe Maria, vossa mais doce esposa, que fiava em um canto de vossa modesta oficina em silêncio, deixando o mais doce sorriso fluir em seus lábios; e que não desviemos nosso olhar de Jesus, que trabalhou convosco em vosso banco de carpinteiro; que possamos assim levar uma vida pacífica e santa na terra, um prelúdio para aquela vida eternamente feliz que nos espera no céu, para todo o sempre. Que assim seja!”

Em 19 de março de 1961, o Sumo Pontífice João XXIII pediu a proteção de São José para o Concílio Vaticano II na [Carta Apostólica “Le Voci”](#).

Em 15 de agosto de 1989, São João Paulo II publicou a Exortação Apostólica [Redemptoris Custos](#), por ocasião do centenário da proclamação de São José como Patrono da Igreja Universal.

Na Solenidade da Imaculada Conceição, em 8 de dezembro de 2021, o Santo Padre Francisco enviou uma Carta Apostólica, [Patris corde](#), por ocasião do 150º aniversário da proclamação de São José como Patrono da Igreja Universal e dedicou o ano de 2022 como o “Ano de São José”.

Em 1º de maio de 2021, em uma carta dirigida aos Presidentes das Conferências Episcopais, a Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos solicitou a inclusão de novas invocações na Ladainha em honra de São José ([Litanie in onore di san Giuseppe](#)).

Todas essas intervenções oficiais da Igreja se somam a muitas outras devoções que se enraizaram entre o povo cristão, como a prática das Sete Dores e Alegrias de São José, a Ladainha de São José, o Cinturão ou Cordão de São José, o Terço de São José, o Escapulário de São José, o Manto Sagrado em honra de São José, as Nove Quartas-feiras, a Novena Perpétua, a Coroa Perpétua, a Corte Perpétua.

Mas nos Evangelhos não é preservada nenhuma palavra de São José. Em vez disso, somos lembrados de suas ações, de sua fidelidade a Deus, da qual também deriva a prática das Sete Dores e Alegrias: a aceitação de Maria como Mãe do Messias (Mt 1,18-25), o nascimento de Jesus (Lc 2,4-7), a circuncisão (Lc 2,21), a apresentação no Templo (Lc 2,22-33), a fuga para o Egito (Mt 2,13-15), o retorno à Galileia (Mt 2,19-23) e o encontro de Jesus no Templo (Lc 2,39-51).

Esse silêncio e essa ação de São José nos lembram que o testemunho é dado, antes de tudo, pelas obras da fé, antes do que pelas palavras. E nos lembram que a Tradição da Igreja não é formada apenas por palavras escritas, mas é, antes de tudo, uma comunicação viva que vem do Espírito Santo, que pode ou não fazer uso de textos escritos.

A intercessão de São José continua até hoje, na maioria das vezes em silêncio, como foi também sua vida. Um filme documentário, chamado “Coração de Pai”, lançado no ano de 2022 e dedicado a ele, vem para destacar essa mediação com Deus. O diretor, Andrés Garrigó, que procurou em vários países vestígios da devoção a esse santo, descobriu que “... José de Nazaré, o gigante do silêncio, está mais ativo do que nunca, atraindo milhares de pessoas todos os dias e atuando em suas vidas de forma extraordinária”.

É um filme que apresenta aspectos históricos e teológicos, mas, acima de tudo, a intercessão de São José na vida das pessoas, mesmo naquelas que inicialmente são desconfiadas: conversões, casamentos fracassados, assistência aos

moribundos, etc. Acontece que São José não é apenas um homem que viveu há mais de 2000 anos ou uma figura do presépio, mas um santo que atua na vida das pessoas que o invocam, um santo que é cultuado em todo o mundo.

O filme é voltado principalmente para um público crente, mas é adequado para todas as faixas etárias, sem restrições.

Aqui também se encontra a ficha técnica do filme.

Título: Coração de Pai

Título original: Corazón de padre (Coração de pai)

Ano de lançamento: 2022

Lançamento no cinema: 18.03.2022

Duração: 91 minutos

Gênero: Documentário

Público adequado: Todos

País: Espanha

Diretor: Andrés Garrigó

Atores principais: Paco Pérez-Reus, María Gil

Roteiro: Josemaria Anglés, Andrés Garrigó

Fotografia: Ismael Durán

Empresa de produção: Andrés Garrigó

Distribuição cinematográfica: [Goya Producciones](#)

Site oficial: <https://kolbearte.com.br/catalogo/coracaodepai/>

Classificação: 7/10 (dezenas 21)

Trailer:

Maravilhas da Mãe de Deus invocada sob o título de Maria Auxiliadora (5/13)

[*\(continuação do artigo anterior\)*](#)

Capítulo VII. Maria favorece aqueles que trabalham pela fé, enquanto Deus pune aqueles que ultrajam a Santíssima Virgem.

Houve uma época em que os imperadores de Constantinopla realizaram uma violenta perseguição contra os católicos por venerarem imagens sagradas. Entre eles estava Leão Isáurico. A fim de abolir o culto, ele matava e prendia qualquer pessoa que fosse denunciada por venerar imagens ou relíquias de santos e especialmente da Santíssima Virgem. Para enganar o povo simples, convocou alguns bispos e abades e, à força de dinheiro e promessas, induziu-os a estabelecer que as imagens de Jesus crucificado, da Virgem e dos santos não deveriam ser veneradas.

Naquela época, porém, vivia o erudito e famoso São João Damasceno. Para combater os hereges e também para dar um antiveneno nas mãos dos católicos, João escreveu três livros nos quais defendia o culto às imagens sagradas. Os iconoclastas (como eram chamados esses hereges por desprezarem as imagens sagradas) ficaram muito ofendidos com esses escritos e o acusaram de traição ao príncipe. Disseram que ele havia enviado cartas assinadas por seu próprio punho para romper a aliança que tinha com príncipes estrangeiros e que, com seus escritos, ele perturbava a tranquilidade pública. O imperador crédulo começou a suspeitar do santo e, embora ele fosse inocente, condenou-o a cortar sua mão direita.

Mas essa traição teve um desfecho muito mais feliz do que ele esperava, pois Nossa Senhora queria recompensar seu servo por seu zelo por ela.

Ao anoitecer, São João prostrou-se diante da

imagem da Mãe de Deus e, suspirando, rezou durante toda a noite e disse: Ó Virgem Santíssima, por causa do meu zelo por vós e pelas imagens sagradas, minha mão direita foi cortada. Vinde, portanto, em meu socorro e fazei que possa continuar a escrever vossos louvores e os de vosso Filho Jesus. Assim dizendo, ele adormeceu.

Em um sonho, ele viu a imagem da mãe de Deus olhando para ele com alegria e lhe dizia: “Eis que tua mão está curada. Portanto, levanta-te e escreve minhas glórias. Quando acordou, ele realmente encontrou sua mão curada presa ao braço.

Quando a notícia de tão grande milagre se espalhou, todos louvavam e glorificavam a Virgem Santíssima, que recompensa tão largamente os seus devotos que sofrem pela fé. Mas alguns dos inimigos de Cristo queriam afirmar que a mão não lhe havia sido cortada, mas a um de seus servos, e diziam: Não vedes que João está em sua casa cantando e se divertindo como se estivesse celebrando uma festa de casamento? Então João foi preso novamente e levado ao príncipe. Mas eis que surge um novo prodígio. Mostrando sua mão direita, podia-se ver uma linha brilhante nela, o que provou que a amputação tinha ocorrido.

Espantado com esse prodígio, o príncipe lhe perguntou que médico o havia curado e que remédio havia usado. Ele então narrou em voz alta o milagre. Disse ele: “É o meu Deus, o médico todo-poderoso que restaurou minha saúde”. O príncipe então demonstrou arrependimento pelo mal que havia feito e quis elevá-lo a grandes dignidades. Mas Damasceno, avesso a grandezas humanas, amava mais a vida privada e, enquanto viveu, empregou seu gênio em escrever e publicar sobre o poder da augusta Mãe do Salvador (veja João Patriarca de Jer. Barônio no ano 727).

Se Deus muitas vezes concede graças extraordinárias àqueles que promovem as glórias de sua augusta Mãe, não raro castiga terrivelmente, mesmo na vida presente, aqueles que a desprezam ou a suas imagens.

Constantino Coprônimo, filho de Leão Isáurico,

subiu ao trono de seu pai na época do Sumo Pontífice São Zacarias (741-752). Seguindo as impiedades de seu pai, proibiu invocar os santos, honrar as relíquias e implorar sua intercessão. Profanava as igrejas, destruía os mosteiros, perseguia e prendia os monges e invocava, com sacrifícios noturnos, a ajuda dos próprios demônios. Mas seu ódio era especialmente dirigido contra a Santa Virgem. Para confirmar o que dizia, ele costumava levar na mão uma bolsa cheia de moedas de ouro e a mostrava às pessoas ao seu redor, dizendo: Quanto vale essa bolsa? Muito, diziam eles. Retirando depois o ouro, ele perguntava novamente quanto valia a bolsa. Quando eles respondiam que não valia nada, assim rapidamente retrucava aquele ímpio, assim é com a Mãe de Deus; naquela época, quando ela tinha Cristo em si, ela devia ser muito honrada; mas a partir do momento em que ela o deu à luz, em nada mais difere das outras mulheres.

Essas enormes blasfêmias certamente mereciam uma punição exemplar que Deus não demorou a enviar ao ímpio blasfemador.

Constantino Coprônimo foi punido com enfermidades vergonhosas, com úlceras que se transformaram em pústulas ardentes, o que o fazia soltar altos gritos, enquanto uma febre ardente o devorava. Assim, ofegante e gritando como se estivesse sendo queimado vivo, ele deu seu último suspiro.

O filho seguiu os passos do pai. Ele gostava muito de pedras preciosas e diamantes e, ao ver as muitas coroas bonitas que o imperador Maurício havia dedicado à Mãe de Deus para adornar a igreja de Santa Sofia em Constantinopla, ele as pegou e colocou em sua cabeça, levando-as para seu próprio palácio. Mas, no mesmo instante, sua testa foi coberta por carbúnculos pestilentos, que naquele mesmo dia levaram à morte aquele que ousou levantar sua mão sacrílega contra o ornamento da cabeça virginal de Maria (veja Teófanos e Nicéforo, contemporâneos. Barônio ano 767).

Capítulo VIII. Maria protetora dos exércitos que lutam pela fé.

Vamos agora mencionar brevemente alguns fatos relativos à proteção especial que a santa Virgem tem dado constantemente aos exércitos que lutam pela fé.

O imperador Justiniano recuperou a Itália, que havia sido dominada pelos godos por sessenta anos. Narses, seu general, era avisado por Maria quando deveria entrar em campo e nunca pegava em armas sem os sinais dela. (*Procópio, Evágrio, Nicéforo e Paulo, o Diácono, Barônio, no ano 553*).

O imperador Heráclio obteve uma gloriosa vitória contra os persas e se apoderou de seus ricos despojos, atribuindo o próspero resultado de suas armas à Mãe de Deus, a quem ele se havia encomendado. (*Ist. Grego, art. 626*).

O mesmo imperador triunfou novamente sobre os persas no ano seguinte. Uma saraivada terrível lançada no acampamento dos inimigos os desorganizou e os pôs em fuga. (*Ist. Grega.*).

A cidade de Constantinopla foi mais uma vez libertada dos persas da maneira mais prodigiosa. Enquanto durava o cerco, os bárbaros viram uma nobre matrona escoltada por um séquito de eunucos saindo do portão da cidade ao amanhecer. Acreditando que ela fosse a esposa do imperador a caminho do marido para pedir paz, eles a deixaram passar livremente. Quando a viram indo até o imperador, seguiram-na até um lugar chamado Pedra Velha, onde ela desapareceu de suas vistas. Então, surgiu um tumulto entre eles, que lutaram entre si, e a matança foi tão terrível que o general foi forçado a levantar o cerco. Acredita-se que essa matrona era a Santíssima Virgem. (Barônio).

A imagem de Maria levada em procissão ao redor das muralhas de Constantinopla libertou essa cidade dos mouros que a haviam sitiado por três anos. O líder inimigo, vendo que era impossível vencer, implorou que lhe fosse permitido entrar e ver a cidade, prometendo não usar qualquer violência. Enquanto seus soldados entravam sem dificuldade, logo que seu cavalo chegou à porta chamada Bósforo, não foi possível fazê-lo avançar. Então o bárbaro olhou para cima e viu no portão a imagem da Virgem contra quem ele havia blasfemado pouco antes.

Ele então voltou atrás e tomou o caminho em direção ao Mar Egeu, onde naufragou. (Barônio, ano 718).

No mesmo ano, os sarracenos pegaram em armas contra Pelágio, príncipe das Astúrias. Esse piedoso general recorreu a Maria, e os dardos e flechas lançados contra ele se voltavam contra os inimigos da fé. Vinte mil sarracenos foram dizimados e sessenta mil pereceram submersos nas águas. Pelágio, com seus poucos companheiros, tinha-se refugiado numa caverna. Agradecido a Maria pela vitória que havia conquistado, mandou construir um templo para a Virgem Maria naquela caverna. (Barônio).

André, general do imperador Basílio de Constantinopla, derrotou os sarracenos no ano de 867. Nesse conflito, o inimigo havia insultado Maria, escrevendo a André: “Verei agora se o filho de Maria e sua mãe poderão salvar você de minhas armas”. O piedoso general pegou o escrito insolente e o pendurou na imagem de Maria, dizendo: “Vê, ó Mãe de Deus, vê, ó Jesus, que insolências esse bárbaro arrogante pronuncia contra o teu povo.” Tendo feito isso, ele sobe em sua sela e, retomada a batalha, começa um massacre sangrento de todos os seus inimigos. (Curopalate ano 867).

No ano de 1185, o Sumo Pontífice Urbano II colocou as armas dos cruzados sob os auspícios de Maria, e Godofredo de Bulhões, à frente do exército católico, libertou os lugares santos do domínio dos infiéis.

Afonso VIII, rei de Castela, obteve uma vitória gloriosa sobre os mouros, levando a imagem de Maria em seus estandartes para o campo de batalha. Duzentos mil mouros caíram no campo de batalha. Para perpetuar a memória desse evento, a Espanha celebrou todos os anos, em 16 de julho, a festa da Santa Cruz. O estandarte no qual estava impressa a imagem de Maria, que havia triunfado sobre os inimigos, ainda está preservado na igreja de Toledo. (Ant. de Balimghera).

Afonso IX, rei da Espanha, também derrotou duzentos mil sarracenos com a ajuda de Maria. (Idem dia 21 de junho).

Jaime I, rei de Aragão, arrancou dos mouros três

reinos muito nobres e derrotou dez mil deles. Em gratidão por essa vitória, ele ergueu vários templos a Maria. (Idem dia 21 de julho).

Os Carnotenses, sitiados em sua cidade por um bando de corsários, exibiram em um poste, como estandarte, uma parte do manto de Maria que Carlos Calvo havia trazido de Constantinopla. Os bárbaros, depois de lançarem seus dardos contra essa relíquia, ficaram subitamente cegos e não puderam mais escapar. Os devotos carnotenses pegaram em armas e os massacraram.

Carlos VII, rei da França, que estava encurralado pelos ingleses, recorreu a Maria, e não só conseguiu derrotá-los em várias batalhas, como também libertou uma cidade do cerco e colocou muitas outras sob seu domínio. (No mesmo dia 22 de julho).

Filipe, o Belo, Rei da França, surpreendido por seus inimigos e abandonado por seus próprios soldados, recorreu a Maria e se viu cercado por um exército prodigioso de guerreiros prontos para lutar em sua defesa. Em pouco tempo, trinta e seis mil inimigos foram mortos, e os outros se renderam como prisioneiros ou fugiram. Grato a Maria por esse triunfo, ele ergueu um templo para ela e ali pendurou todas as armas que havia usado naquele conflito. (Idem 17 de agosto).

Filipe Valesio, rei da França, derrotou vinte mil inimigos com um punhado de homens. Retornando triunfante naquele mesmo dia a Paris, ele foi direto para a catedral dedicada à Virgem Maria. Lá, ofereceu seu cavalo e suas armas reais à sua generosa Auxiliadora. (Idem 23 de agosto).

João Zemisca, imperador dos gregos, derrotou os búlgaros, russos, citas e outros bárbaros, que juntos somavam trezentos e trinta mil e ameaçavam o império de Constantinopla. A Santíssima Virgem enviou para lá o mártir São Teodoro, que apareceu em um cavalo branco e rompeu as fileiras inimigas; em seguida, Zemisca construiu um templo em homenagem a São Teodoro e fez com que a imagem de Maria fosse levada em triunfo. (Curopalate).

João Comênio, auxiliado pela proteção de Maria,

derrotou uma horda de citas e, em memória do evento, ordenou um banquete público no qual a imagem da Mãe de Deus foi levada triunfalmente em uma carruagem coberta de prata e pedras preciosas. Quatro cavalos muito brancos conduzidos pelos príncipes e parentes do imperador puxavam a carruagem; o imperador caminhava a pé carregando a cruz. (Niceta em seus *Anais*).

Os cidadãos de Ipri, sitiados pelos ingleses e reduzidos a extremos, recorreram com lágrimas à ajuda da Mãe de Deus, e Maria apareceu visivelmente para consolá-los e pôr os inimigos em fuga. O evento ocorreu em 1383 e o povo de Chipre celebra a memória de sua libertação todos os anos com um festival religioso no primeiro domingo de agosto. (Maffeo lib. 18, *Cronaca Univers.*).

Simão, Conde de Monforte, com oitocentos cavaleiros e mil soldados de infantaria, derrotou cem mil albigenses perto de Toulouse. (Anais de Bzovio, ano 1213).

Vladislau, rei da Polônia, colocou suas armas sob a proteção da Virgem Maria, derrotou cinquenta mil teutões e levou seus despojos como troféu para o túmulo do mártir Santo Estanislau. Martin Cromerus, em sua história da Polônia, diz que esse santo mártir foi visto, enquanto durou a batalha, vestido com vestes pontifícias, animando os poloneses e ameaçando seus inimigos. Acredita-se que esse santo bispo tenha sido enviado pela Virgem para ajudar os poloneses, que haviam se recomendado a Maria antes da batalha.

No ano de 1546, os portugueses sitiados por Mamudio, rei das Índias, invocaram a ajuda de Maria. O inimigo contava com mais de sessenta mil homens profissionais na guerra. O cerco já durava sete meses e já estava prestes a se render, quando uma súbita consternação invadiu os inimigos. Uma nobre matrona, cercada de esplendor celestial, apareceu sobre uma pequena igreja da cidade e iluminou os indianos de tal forma que eles não puderam mais distinguir uns dos outros e fugiram apressadamente. (João Pedro Maffeo. História das Índias, 3 v.).

No ano de 1480, enquanto os turcos lutavam contra

a cidade de Rodes, já tinham conseguido colocar seus estandartes nas muralhas, quando a Virgem Santíssima apareceu armada com um escudo e uma lança, com o precursor São João Batista e uma hoste de guerreiros celestiais armados. Então os inimigos se desorganizaram e se mataram uns aos outros. (Tiago Bosso, *História dos Cavaleiros de Rodes*).

Maximiliano, duque da Baviera, dominou uma horda de rebeldes heréticos austríacos e boêmios. No estandarte de seu exército, ele inscreveu a efígie da Virgem Maria com as palavras: *Da mihi virtutem contro hostes tuos*. Dê-me força contra seus inimigos. (Jeremias Danelius. *Trimegisti cristiani* lib. 2 cap. 4, § 4).

Arthur, rei da Inglaterra, ao usar a imagem de Maria em seu escudo, tornou-se invulnerável na batalha; e o príncipe Eugênio e nosso duque Vítor Amadeu, que a usavam no escudo e no peito, com um punhado de homens valentes, derrotaram o exército francês de 80.000 homens junto a Turim. A majestosa Basílica de Superga foi erguida pelo referido duque e depois rei Vítor Amadeu como sinal de gratidão por essa vitória.

[\(continua\)](#)

Carta do Reitor-Mor Cardeal Ángel Fernández Artime

À atenção dos meus Irmãos Salesianos, À atenção da nossa querida Família Salesiana

Meus queridos irmãos salesianos, meus queridos irmãos e irmãs da Família Salesiana no mundo: recebei a minha saudação cheia de afeto e de proximidade, também nestes momentos.

O motivo pelo qual vos escrevo hoje, às vésperas da minha Ordenação Episcopal, tendo sido nomeado pelo Santo Padre Papa Francisco, é para transmitir oficial e definitivamente a minha situação pessoal em relação à nossa querida Congregação e à Família Salesiana.

Há algum tempo, o Papa Francisco expressou-me o desejo de que a minha ordenação episcopal ocorresse neste tempo pascal, juntamente com o nosso irmão salesiano Dom Giordano Piccinotti, e que eu pudesse continuar o meu serviço até uma data adequada. Pois bem, confiando sempre no Senhor, que é o único garantidor de nossas vidas, o que segue é definitivo:

1. O Santo Padre enviou-me um documento com a “derrogação” (expressão que significa “alteração do que está legislado”), em que me autoriza a continuar por mais um período como Reitor-Mor, já tendo recebido a consagração episcopal. Esse documento com a autorização do Santo Padre chegou até nós e está no arquivo da Congregação.

2. De acordo com o Papa Francisco, encerrarei o meu serviço como Reitor-Mor na noite de 16 de agosto do presente ano de 2024, após a celebração dos 209 anos de nascimento do nosso pai no Colle Don Bosco. No mesmo dia, celebraremos com os jovens o encerramento do “Sínodo dos Jovens”, do qual terão participado 370 jovens do mundo todo, por ocasião do bicentenário do sonho dos 9 anos, que em Dom Bosco foi um sonho-visão e um programa de vida que chegou até nós.

Naquela tarde, em um ato simples, assinarei a minha carta de renúncia, de acordo com o artigo 128 das nossas Constituições, e entregarei esse documento ao Vigário do Reitor-Mor, P. Stefano Martoglio, que, de acordo com o artigo 143, assumirá ‘ad interim’ o governo da nossa Congregação até a eleição do Reitor-Mor no CG29, a realizar-se em Valdocco (Turim), a partir de 16 de fevereiro de 2025.

3. Certamente, desde agora, mas especialmente a partir daquela data, irei prestar o serviço que o Santo Padre me indicar.

Desejo agradecer ao Senhor, juntamente com todos vós, meus

queridos irmãos e irmãs, por termos sido abençoados nos últimos dez anos, tanto como Congregação Salesiana quanto como Família de Dom Bosco. O Senhor assistiu-nos com o seu Espírito e a nossa Mãe Auxiliadora que nunca largou a nossa mão. E estamos certos de que isso continuará a acontecer no futuro, porque “Ela fez tudo”.

Minha última palavra neste momento é dirigida a Dom Bosco que, sem dúvida, continuará a cuidar da sua Congregação e da sua preciosa Família.

Com verdadeiro afeto e unidos no Senhor, saúda-vos,

Cardeal Ángel FERNÁNDEZ ARTIME, sdb

Reitor-Mor

Sociedade de São Francisco de Sales

Roma, 19 de abril de 2024

Prot. 24/0160

Dom Bosco, a política e a questão social

Dom Bosco fez política? Sim, mas não no sentido imediato da palavra. Ele próprio dizia que a sua política era a do Pai-Nosso: salvar as almas, cuidar dos jovens pobres para serem alimentados e educados.

Dom Bosco e a política

Dom Bosco viveu intensamente e com consciente conhecimento dos problemas, também inéditos para ele, das grandes mudanças culturais e sociais do seu século, sobretudo nas suas implicações políticas, e fez uma escolha meditada que queria tornar parte do seu espírito e caracterizar a sua missão.

Ele quis conscientemente “não fazer política partidária”, e deixou como herança espiritual à sua Congregação o fato de não o fazer, não porque fosse “apolítico”, isto é, alheado dos grandes problemas humanos da sua época e da sociedade em que vivia, mas porque queria dedicar-se à reforma da sociedade sem entrar em movimentos políticos. Ele não era, portanto, “descomprometido”; pelo contrário, queria que os seus salesianos fossem verdadeiramente “comprometidos”. Mas é preciso esclarecer o significado desse empenho político.

O termo “política” pode ser usado em dois sentidos: no primeiro sentido, indica o campo dos valores e dos fins que definem o “bem comum” numa visão global da sociedade; no segundo sentido, indica o campo dos meios e dos métodos a serem seguidos para alcançar o “bem comum”.

O primeiro sentido considera a política no sentido mais amplo do termo. A este nível, todos têm uma responsabilidade política. A segunda acepção considera a política como uma série de iniciativas que, através de partidos, etc., visam orientar o exercício do poder a favor do povo. Neste segundo nível, a política está ligada a uma intervenção no governo do país, que vai além do empenho desejado por Dom Bosco.

Ele reconhece em si mesmo e nos seus uma responsabilidade política que se relaciona com o primeiro sentido, na medida em que pretende ser um compromisso educativo religioso destinado a criar uma cultura que informe cristãmente a política. Neste segundo sentido, Dom Bosco fazia política, mesmo se a apresentava sob outros termos, como “educação moral e civil da juventude”.

Dom Bosco e a questão social

Dom Bosco previu a evolução social do seu tempo. “Ele foi um dos poucos que compreendeu desde o princípio, e o repetiu muitas vezes, que o movimento revolucionário não era um vórtice passageiro, porque nem todas as promessas feitas ao povo eram desonestas e muitas correspondiam às aspirações universais, vivas entre os proletários: queriam conseguir igualdade comum a todos, sem distinção de classes, maior

justiça e melhora na própria situação.

Contudo, ele notava que as riquezas começavam a se tornar monopólio dos capitalistas sem ter piedade, os patrões impunham acordos injustos ao operário isolado e sem defesas, seja em relação ao salário, sejam em relação à jornada de trabalho, assim como a santificação das festas era brutalmente impedida. Tudo isso deveria produzir efeitos funestos: a perda da fé entre os operários, a miséria de suas famílias e a adesão às máximas subversivas.

Por isso, como guia e freio para as classes trabalhadoras, Dom Bosco entendia ser necessário o clero se aproximar delas” (MB IV, 80 – MBp IV, 88).

Dirigir-se à juventude pobre com a intenção de trabalhar para a salvação moral e cooperar assim na construção cristã da nova sociedade era precisamente o efeito e a consequência natural e primária da intuição que ele tinha dessa sociedade e do seu futuro.

Mas não se deve procurar a fórmula técnica nas palavras de Dom Bosco. Dom Bosco falava apenas do abuso da riqueza. Falou-o com tanta insistência, com tanta força de expressão e extraordinária originalidade de conceito, que revela não só a acuidade do seu diagnóstico dos males do século, mas também a intrepidez do médico que quer curá-los. Indicou o remédio no uso cristão da riqueza, na consciência da sua função social. Abusa-se muito da riqueza, repetia incessantemente; é preciso lembrar aos ricos o seu dever antes que venha a catástrofe.

Justiça e caridade

Mencionando a obra realizada em Turim pelo Cônego Cottolengo e por Dom Bosco, um professor do Instituto de Ciências Políticas da Universidade de Turim reconhece o bem feito por estes dois santos, mas depois exprime a opinião de que “este aspecto do movimento caritativo piemontês, apesar dos notáveis resultados alcançados, foi historicamente negativo”, porque mais do que qualquer outro teria contribuído para travar o progresso implícito na ação das massas populares que reclamavam os seus direitos.

Em sua opinião, “as atividades destes dois santos piemonteses foram viciadas pela concepção fundamental que os movia, segundo a qual tudo era abandonado nas mãos misericordiosas de uma providência divina” (ibid.). Teriam ficado afastados dos movimentos reais das massas e dos seus direitos, presos como estavam à imagem de uma sociedade composta, por força das circunstâncias, de nobreza e povo, de ricos e proletários, onde os ricos deviam ser misericordiosos e os pobres, humildes e pacientes. Em suma, São José Bento Cottolengo e São João Bosco não se teriam apercebido do problema da mudança de classes.

Não posso deter-me aqui sobre o caso de Cottolengo. Apenas assinalo que a sua intervenção responde a uma experiência ardente que o leva imediatamente a fazer alguma coisa, como fez o Bom Samaritano do Evangelho (Lc 10,29-37). Ai de nós se o Bom Samaritano tivesse esperado pela mudança da sociedade para intervir. O homem da estrada de Jericó teria morrido! “A caridade de Cristo impele-nos” (2Cor 5,14) devia ser o programa de ação de São José Bento Cottolengo. Cada um tem uma missão na vida. A ação sobre os efeitos do mal não exclui o reconhecimento da necessidade de ir às causas. Mas continua a ser a coisa mais urgente a fazer. E então o Cottolengo pensava não só nisso, mas em muito mais.

A intervenção de Dom Bosco na questão social foi orientada por uma opção fundamental: pelos pobres, pelos fatos e pelo diálogo com aqueles que, mesmo estando do outro lado, podiam ser induzidos a fazer alguma coisa.

A contribuição de Dom Bosco

Como padre educador, Dom Bosco fez uma opção de campo, pela juventude pobre e abandonada, e ultrapassou a ideia puramente caritativa, preparando essa juventude para poder reivindicar honestamente os seus direitos.

As suas primeiras atividades foram sobretudo em benefício dos pobres empregados das lojas e das oficinas. As suas intervenções, que hoje poderiam ser qualificadas de sindicalistas, levaram-no a estabelecer relações diretas com

os patrões destes jovens, para celebrar com eles “contratos de locação de trabalho”.

Depois, apercebendo-se de que esta ajuda não resolvia os problemas, exceto em casos limitados, começou a criar ateliers de artes e ofícios, pequenas empresas onde os produtos acabados, sob a orientação de um chefe de arte, beneficiavam os próprios estudantes. Tratava-se de organizar estágios em casa, para que os jovens aprendizes pudessem ganhar o seu pão sem serem explorados pelos seus mestres. Finalmente, ele passa à ideia de um chefe de arte que não seja ele próprio o mestre da oficina ou um assalariado da escola, mas um religioso leigo, um mestre de arte, que possa dar ao jovem aprendiz, desinteressadamente, a tempo pleno e por vocação, uma educação profissional e cristã completa.

As escolas profissionais que ele sonhou, e que depois foram postas em prática pelos seus sucessores, foram uma contribuição importante para a solução da questão operária. Ele não foi o primeiro nem o único nesta ação, mas deu-lhe um cunho próprio, sobretudo harmonizando a sua instituição com a natureza do tempo e imprimindo-lhe um método educativo próprio.

Não é, pois, de estranhar que grandes sociólogos católicos do século passado tenham prestado atenção a Dom Bosco. Dom Carlos Emílio Freppel (1827-1891), bispo de Angers, homem de grande cultura e membro da Câmara Francesa, dizia em 2 de fevereiro de 1884, num discurso no Parlamento sobre a questão operária: «Só Vicente de Paulo fez mais pela solução das questões operárias do seu tempo do que todos os escritores do século de Luís XIV. E agora mesmo, na Itália, um religioso, Dom Bosco, que vistes em Paris, consegue preparar melhor a solução da questão operária do que todos os oradores do Parlamento italiano. Esta é a verdade incontestável. » (cf. Journal officiel de la République française... Câmara. Débats parlementaires, 3 février 1884, p. 280).

Um testemunho que não precisa de comentários...

Patagônia, nas cartas dos primeiros missionários

Chegada a Patagones e início do trabalho

Os primeiros salesianos estabeleceram definitivamente sua missão na Patagônia em 20 de janeiro de 1880. Acompanhados por Dom Antonio Espinosa, vigário do Arcebispo Dom Frederico Aneyros, chegaram a Carmen de Patagones o P. José Fagnano, o P. Emílio Rizzo, o P. Luís Chiaria, o catequista coadjutor Luciani e um outro “jovem aluno deles”, que permaneceu desconhecido; com eles estavam também quatro Filhas de Maria Auxiliadora: Joana Borgo, Ângela Vallese, Angiolina Cassolo e Laura Rodriguez.

Os missionários se comprometeram com a catequese e a formação dos habitantes de Patagones e Viedma, abrindo um colégio dedicado a São José, enquanto as Filhas de Maria Auxiliadora fundaram um instituto dedicado a Santa Maria das Índias. Em seguida, foram lançadas expedições às colônias ao longo do curso do Rio Negro, com o objetivo de garantir apoio espiritual e catequético aos migrantes que viviam nessas regiões e, ao mesmo tempo, iniciar sistematicamente a catequese para a conversão das comunidades nativas da Patagônia.

A presença dos salesianos na Argentina foi favorecida e seguida com interesse pelo governo argentino, que obviamente não foi movido nessa escolha por um desejo fervoroso de ver as comunidades indígenas convertidas ao cristianismo, mas pela necessidade de acalmar a opinião pública indignada com as matanças indiscriminadas e a venda de prisioneiros: as campanhas militares de 1879 para expandir as fronteiras haviam entrado em choque com a resistência das comunidades que viviam nos territórios dos Pampas e da

Patagônia.

Hábitos e costumes das comunidades autóctones da Patagônia

Conhecer os costumes, a cultura e as crenças das comunidades que se pretendia converter era uma tarefa importante para os primeiros missionários: o P. Tiago Costamagna, durante sua missão exploratória em Patagones, em 1879, observou que, depois de atravessar o Rio Colorado, encontrou uma árvore “carregada de cortinas, ou melhor, de trapos, nos quais os índios haviam pendurado como votos”. O missionário explicou que a árvore não era considerada uma divindade, mas simplesmente a morada “dos deuses ou bons espíritos” e que os panos deveriam ser uma espécie de oferenda para apaziguá-los e torná-los benevolentes. Mais tarde, Costamagna descobriu que as comunidades adoravam um “Deus supremo” chamado Gúnechen.

O conhecimento foi aumentando com o passar dos anos. Com o tempo, os missionários perceberam que as comunidades da Patagônia acreditavam em um “Ser Supremo” que administrava e governava o universo e que seu conceito de uma divindade benevolente, no entanto, quando comparado ao conceito cristão, parecia confuso, pois muitas vezes não era possível “distinguir o princípio do bem, que é Deus, do gênio do mal, que é o diabo”. Os membros da comunidade só temiam “as influências do gênio maligno”, de modo que, no final, os índios só imploravam à divindade maligna que se abstivesse de todo mal.

Os missionários notaram, com tristeza, que as comunidades indígenas “não sabem pedir ao Senhor sobre coisas espirituais” e também descreveram como a doença e a morte de um membro da comunidade eram tratadas. De acordo com a crença comum, o demônio, chamado Gualicho, se apoderava do doente e, no caso da morte da pessoa doente, o demônio “tinha vencido”: “e assim eles choram, rezam e cantam lamentações acompanhadas de mil exorcismos, com os quais pretendem obter que o gênio do mal deixe o falecido em paz”.

Depois que o cadáver era enterrado, começava o

período de luto, que geralmente durava seis dias, durante os quais os índios “se jogavam com o rosto no chão” e cantavam “uma espécie de lamentação”; morar no local onde o falecido havia residido e entrar em contato com qualquer um de seus objetos pessoais era fortemente desencorajado, porque Gualicho havia morado lá.

Não havia cemitérios compartilhados e, acima dos túmulos, era possível ver “onde dois e onde três esqueletos de cavalos”, que eram sacrificados ao falecido para ajudá-lo e apoiá-lo na vida após a morte. Assim, os cavalos eram mortos sobre a sepultura, deixando os cadáveres lá para que o morto pudesse desfrutar de sua carne, enquanto a sela, vários suprimentos e joias eram enterrados com o cadáver.

Na vida comum, apenas os mais ricos tinham habitações quadradas de tijolos de barro, com nada “a não ser a porta para entrar e uma abertura no meio do telhado para a luz e para a fumaça sair”, enquanto as comunidades ao longo do curso do Rio Negro eram estabelecidas junto a rios ou lagoas e as habitações eram, em sua maioria, tendas simples: “couro de cavalo ou de guanaco suspenso por cima com algumas varas fixadas no chão”. Para aqueles que haviam se rendido, o governo argentino ordenou que construíssem um rancho, ou seja, “um cômodo mais ou menos grande, geralmente feito de canas de lobo, plantas abundantes em lugares úmidos”. Os mais abastados construíram casas com varas de salgueiro e argamassa.

Em 1883, os missionários observaram: “Hoje em dia, e especialmente na estação ruim, é raro ver um índio que não esteja vestido da cabeça aos pés, mesmo entre aqueles que ainda não se renderam. Os homens se vestem mais ou menos como os nossos, menos o asseio, que eles não têm; e, como dizem, suas calças são usadas normalmente à maneira do Chiripá. Os mais pobres, se não tiverem mais nada, se envolvem em uma espécie de manto do tecido mais comum. As mulheres usam a manta, que é um sobretudo que cobre todo o corpo”. As mulheres permaneceram fiéis aos trajes tradicionais por mais tempo: “as mulheres têm a ambição de usar grandes brincos de prata, vários anéis nos dedos e uma espécie de bracelete nos pulsos,

feito de filigrana de prata com várias voltas ao redor do braço. Algumas delas e as mais abastadas também usam várias voltas de filigrana no peito. Elas são, por natureza, muito tímidas e, quando algum forasteiro desconhecido se aproxima de sua casa, eles se escondem rapidamente”.

Os casamentos seguiam a tradição: o noivo dava aos pais de sua futura esposa “vários objetos preciosos em ouro e prata, como anéis, pulseiras, estribos, freios e similares”, ou podia simplesmente pagar “em dinheiro uma quantia acordada entre eles”: os pais só davam suas filhas em casamento em troca de dinheiro e, além disso, o noivo era obrigado a ficar na casa da noiva e prover o sustento de toda a família.

A poligamia era muito difundida entre os chefes ou caciques e, conseqüentemente, como o P. Costamagna declarou em uma carta publicada em janeiro de 1880, era difícil convencê-los a renunciar a ela para se tornarem cristãos.

Evangelização das comunidades nativas: “não com pancadas, mas com a mansidão e a caridade deverás conquistar esses teus amigos”

Um papel fundamental no trabalho de catequese e evangelização na Patagônia foi desempenhado pelo P. Domingos Milanesio, também por seu trabalho como mediador entre as comunidades e o governo argentino.

O missionário se uniu aos irmãos em 8 de novembro de 1880, depois de ter sido nomeado vigário da paróquia de Nossa Senhora das Mercês, em Viedma. Em uma carta ao P. Miguel Rua, datada de 28 de março de 1881, ele relatou sua primeira missão entre “os índios do campo”, sublinhando as consideráveis dificuldades encontradas na tentativa de instruir e catequizar: as comunidades nativas viviam distantes umas das outras e o P. Domingos tinha que ir pessoalmente a seus *toldos*, ou casas. Às vezes, ele conseguia reunir várias famílias e, então, a catequese era realizada do lado de fora, onde, sentados nos gramados, os patagônicos ouviam a lição de catecismo.

O P. Domingos contou que até mesmo uma oração

simples como “Meu Jesus, misericórdia”, que ele considerava simples e fácil de memorizar, na verdade levava muito tempo para ser compreendida: embora fosse repetida entre cinquenta e cem vezes, muitas vezes era esquecida em poucos dias. No entanto, o desejo de ver as comunidades nativas convertidas e sinceramente cristãs era uma motivação mais do que suficiente para continuar a missão: “Mas nossa religião nos manda amá-los como nossos irmãos, como filhos do Pai Celestial, como almas redimidas pelo Sangue de Jesus Cristo; e, portanto, com caridade paciente e benigna, e que espera tudo, dizemos, repetimos um dia, dois, dez, vinte até que seja suficiente e, finalmente, conseguimos fazê-los aprender as coisas necessárias. Se você pudesse ver como eles ficam felizes depois; é um verdadeiro consolo para eles e para nós, o que nos recompensa por tudo”.

Não foi fácil fazer com que essas comunidades aceitassem as verdades da fé católica: o P. Domingos, em um relatório publicado no Boletim em novembro de 1883, contou que, durante uma missão à comunidade do cacique (chefe) Willamay, perto de Norquin, ele correu sério risco de vida quando a assembleia para a qual estava pregando começou a discutir os ensinamentos que havia recebido até aquele momento. O próprio Willamay, descrevendo Milanésio como “um contador de sonhos à maneira das mulheres velhas”, retirou-se para seu *toldo*, enquanto havia aqueles que estavam do lado do missionário e aqueles que eram da mesma opinião que o cacique. Diante dessa situação, Milanésio preferiu permanecer distante e, como ele mesmo observou: “Fiquei em silêncio esperando o resultado daquela agitação de mentes, que era um prenúncio de uma aventura sinistra. Em um determinado momento, eu realmente acreditei que havia chegado a hora de eu pelo menos levar uma surra daqueles bárbaros e talvez até mesmo deixar minha pele entre eles”. Felizmente, o partido que apoiava o missionário prevaleceu no final, de modo que o salesiano pôde concluir sua catequese com os agradecimentos da comunidade.

Catequizar essas populações não foi uma tarefa fácil, e os salesianos foram prejudicados pelos militares

argentinos, cujas atitudes e hábitos ofereciam exemplos negativos de vida cristã.

O P. Fagnano registrou: “A conversão dos índios não é tão fácil de obter, quando eles são obrigados a viver com certos soldados, que não lhes dão um bom exemplo de moralidade; e em seus *toldos*, no momento, não é possível penetrar sem perigo de vida, porque esses selvagens usam todos os meios para se vingar dos cristãos, que, segundo eles, vão tomar posse de seus campos e de seu gado”. O mesmo salesiano também escreveu sobre duas comunidades que, tendo se estabelecido a uma curta distância de um campo argentino onde haviam sido abertas “lojas de bebidas”, entregaram-se “ao vício da embriaguez”. O P. Fagnano censurou os militares que, “para obter ganhos covardes”, prepararam o terreno para tornar os índios ainda mais propensos a se entregarem à “desordem bestial”.

O P. Fagnano e o P. Milanésio continuaram, porém, a se aproximar, catequizar e formar essas comunidades, para “instruí-las nas verdades do Evangelho, educá-las com palavras, mas sobretudo com o bom exemplo”, apesar do perigo, para que, como desejava Dom Bosco, pudessem se tornar “bons cristãos e honestos cidadãos”.

Giacomo Bosco

Quais são os requisitos para entrar na Sociedade Salesiana?

Em várias partes do mundo está chegando o momento em que alguns jovens, atraídos pela graça de Deus, estão se

preparando para dizer o seu “Fiat” no seguimento de Cristo, segundo o carisma que Deus instituiu por meio de São João Bosco. Quais seriam as disposições com as quais eles deveriam se aproximar da Sociedade Salesiana de São João Bosco? O próprio santo o diz em uma carta dirigida a seus filhos (MB VIII, 828-830 – MBp VIII, 889-892).

No dia de Pentecostes, Dom Bosco enviava uma carta a todos os Salesianos sobre o objetivo que se devia ter ao entrar na Pia Sociedade de São Francisco de Sales. Dava a notícia de que, talvez, dentro de pouco tempo, esta seria definitivamente aprovada. Nos documentos que possuímos não há sinal de tal afirmação. Como seu autógrafo tem a data de 24 de maio, festa de Maria Auxiliadora de 1867, parece que a festa do dia lhe desse a inspiração de escrever e lhe tenha mostrado mais claramente a visão do futuro. Como quer que seja, mandou fazer várias cópias, depois, trocando ele mesmo a data, escreveu de próprio punho o endereço: *Ao P. Bonetti e a meus filhos de São Francisco de Sales residentes em Mikrabello; – ao P. Lemoyne e aos meus filhos de São Francisco de Sales, residentes em Lanzo.* Suas eram igualmente a assinatura e a determinação: *O Diretor leia e explique onde for preciso.*

Eis a cópia destinada aos Salesianos do Oratório.

Ao Padre Rua e aos demais meus amados filhos de São Francisco que residem em Turim.

Nossa sociedade será talvez, dentro em breve, definitivamente aprovada. Por isso teria necessidade de falar frequentemente com meus amados filhos. Como não posso fazer isto sempre pessoalmente, procurarei fazer ao menos por carta.

Começarei dizendo algo a respeito do fim geral da Sociedade, depois, em outra ocasião, conversaremos das observâncias particulares da mesma.

O primeiro objetivo da nossa Sociedade é a santificação de seus membros. Por isso, cada um ao entrar despoje-se de qualquer outro pensamento, de toda outra

preocupação. Quem entrasse para ter vida tranquila, ter comodidade para continuar os estudos, sair das ordens dos pais, ou eximir-se da obediência a qualquer ordem Superior, teria uma finalidade distorcida, e não seria mais o *sequere me* (Segue-me) do Salvador, uma vez que procuraria sua vantagem temporal e não o bem da alma. Os apóstolos foram louvados pelo Salvador e lhes foi prometido um reino eterno, não por terem abandonado o mundo, mas porque abandonado-o se declararam prontos a segui-lo nas tribulações. Isto aconteceu de fato ao consumirem sua vida no trabalho, na penitência e nos sofrimentos, sustentando até o fim o martírio pela causa da fé.

Também não tem bom objetivo quem entra ou permanece na sociedade porque está convencido de ser necessário a ela. Cada um grave bem na mente e no coração, **começando pelo Superior-Geral até o último dos sócios: ninguém é necessário na Sociedade.** Por isso, seus membros devem se voltar a seu chefe, a seu verdadeiro patrão, ao remunerador, a Deus, e, por amor dele, inscrever-se na Sociedade; por amor dele trabalhar, obedecer, abandonar o que possuía no mundo, para poder dizer ao Salvador no fim da vida, que escolhemos como projeto: *Ecce nos relinquimos omnia et secuti sumus te; quid ergo erit nobis?* (Eis que nós deixamos tudo e te seguimos. Que haveremos de receber? – Mt 19,27).

Ao dizer que **cada um deve entrar na Sociedade guiado só pelo desejo de servir a Deus com maior perfeição e de fazer o bem a si mesmo**, entende-se fazer o verdadeiro bem a si mesmo, bem espiritual e eterno. Quem procura vida de comodidade, uma vida de bem-estar, não entra na nossa Sociedade com objetivo bom. Tenhamos por fundamento a palavra do Salvador: “Quem quiser ser meu discípulo, vá, venda tudo o que possui no mundo, distribua-o aos pobres e me siga”. Mas aonde ir, aonde segui-lo, se ele não tinha um palmo de chão onde repousar sua cabeça cansada? “Quem quiser ser meu discípulo, diz o Salvador, me siga com a oração, com a

penitência e, especialmente, renegue a si mesmo, pegue a cruz das tribulações diárias, e me siga. *Abneget semetipsum tollat crucem suam quotidie, et sequatur me.*" Mas até aonde segui-lo? Até à morte e, se necessário, até à morte de cruz.

Isto é feito por aquele que na nossa Sociedade gasta suas forças no sagrado ministério, no ensino ou em outro exercício sacerdotal, até também uma morte violenta de cárcere, exílio, trabalhos forçados, água, fogo, até que, depois de ter sofrido com Jesus Cristo na terra, possa ir gozar com ele no céu.

Este parece ser o sentido das palavras de São Paulo ditas a todos os cristãos: *Qui vult gaudere cum Christo, oportet pati cum Christo* (Quem quer gozar com Cristo, é preciso sofrer com Cristo – cf. 2Tm 3,12).

Um sócio que entra com estas boas disposições deve comportar-se sem pretensões e acolher com prazer o trabalho que lhe possa ser confiado. Ensino, estudo, trabalho, pregação, confissão na igreja e fora da igreja, as ocupações mais humildes devem ser assumidas com alegria e prontidão de espírito, pois Deus não repara a qualidade da função, mas o objetivo de quem a realiza. Portanto, todas as funções são igualmente nobres, porque igualmente meritórias aos olhos de Deus.

Meus queridos filhos, depositem confiança nos Superiores de vocês. Eles têm de prestar a Deus severas contas das obras de vocês. Por isso, eles estudam as qualidades e propensões de vocês, delas dispõem de forma compatível com as forças de vocês, porém, sempre como lhes parece servir para a maior glória de Deus e proveito das almas.

Oh, se nossos irmãos entrarem na Sociedade com essas disposições, nossas Casas serão certamente um Paraíso terrestre. Reinará paz e concórdia entre os indivíduos de toda a família; a caridade seria a vestimenta diária de quem manda;

a obediência e o respeito precederão os passos, as obras e até os pensamentos dos Superiores. Haverá, então, uma família de irmãos ao redor de seu pai, para promover a glória de Deus na terra e, um dia, ir amá-lo e louvá-lo na imensa glória dos bem-aventurados no Céu.

Deus cumule vocês e seus trabalhos de bênçãos e a graça do Senhor santifique suas ações e os ajude a perseverar no bem.

Turim, 9 de junho de 1867, dia de Pentecostes.

Af.mo em Jesus Cristo,

Sac. João Bosco”.

Servo de Deus Akash Bashir

No dia 25 de fevereiro, celebramos a festa de nossos protomártires salesianos, o bispo Luís Versiglia e o padre Calisto Caravario. O martírio, desde os tempos da primeira comunidade cristã, sempre foi um sinal claro de nossa fé, semelhante ao sacrifício de Jesus na cruz para nossa salvação. Atualmente, em nossa Congregação Salesiana, estamos lidando com a causa do martírio de Akash Bashir, um jovem ex-aluno salesiano do Paquistão, que deu sua vida pela salvação de sua comunidade paroquial aos 20 anos de idade. A fase de investigação diocesana para o processo de beatificação terminou em 15 de março, aniversário de seu martírio.

O Paquistão é um dos países muçulmanos mais extremistas do mundo. A República Islâmica do Paquistão surgiu após a Segunda Guerra Mundial, com a independência da Índia em 1947. Entretanto, os cristãos já estavam presentes nessa região graças aos missionários dominicanos e franciscanos. Atualmente, os cristãos no Paquistão representam cerca de 1,6% da população total (católicos e anglicanos), ou cerca de 4

milhões de pessoas. As minorias religiosas enfrentam diariamente a discriminação, a marginalização, a falta de oportunidades iguais no emprego e na educação; e a discriminação religiosa e, às vezes, a perseguição persistem, tornando a liberdade religiosa uma questão crítica.

Apesar dos desafios, as comunidades cristãs no Paquistão demonstram resiliência e esperança. As igrejas e as organizações cristãs desempenham um papel fundamental no fornecimento de apoio e na promoção da unidade inter-religiosa, e os salesianos têm contribuído significativamente com sua presença.

A vida de Akash Bashir começou em um pequeno vilarejo perto do Afeganistão, em uma família de cinco filhos, sendo ele o terceiro. Akash, nascido no verão de 22 de junho de 1994, enfrentou condições climáticas extremas e sobreviveu com dificuldade. Apesar das dificuldades do clima adverso, da pobreza da família e da má nutrição, esses desafios ajudaram a moldar seu caráter.

O sonho de Akash de servir no exército foi frustrado pela insegurança educacional e financeira. A família Bashir decidiu migrar para o leste, para Punjab, para a cidade de Lahore, perto da fronteira com a Índia, especificamente para o distrito cristão de Youhanabad, onde os salesianos administram um internato, uma escola primária e uma escola técnica. Em setembro de 2010, Akash Bashir entrou no Instituto Técnico Salesiano Dom Bosco e Centro Juvenil.

Em um contexto político-religioso difícil, Akash foi voluntário como guarda de segurança na paróquia de Youhanabad em dezembro de 2014. Sua função como guarda de segurança na Paróquia de São João consistia em vigiar a entrada do pátio e controlar os fiéis no portão de entrada, pois as igrejas são protegidas por um muro com apenas uma porta de entrada. Em 15 de março de 2015, durante a celebração da missa, Akash estava de plantão.

Naquele dia, o quarto domingo da Quaresma (o domingo "Laetare") foi celebrado com 1.200 a 1.500 fiéis participando da missa, presidida pelo padre Francisco Gulzar,

o pároco. Às 11h09, um primeiro ataque terrorista atingiu a comunidade anglicana a menos de 500 metros da igreja católica. Um minuto depois, às 11h10, uma segunda detonação ocorre bem na entrada do pátio da Paróquia Cristã, onde trabalha Akash Bashir, como segurança voluntário.

Sua Eminência, o Cardeal Ángel Fernández, Reitor-Mor dos Salesianos, na introdução de sua biografia, descreve o martírio de Akash com estas palavras:

«Em 15 de março de 2015, enquanto a Santa Missa estava sendo celebrada na paróquia de São João, o grupo de guardas de segurança formado por jovens voluntários, do qual Akash Bashir fazia parte, guardava fielmente a entrada. Naquele dia, algo incomum aconteceu. Akash percebeu que uma pessoa com explosivos sob a roupa estava tentando entrar na igreja. Ele a conteve, falou com ela e a impediu de continuar, mas, percebendo que não poderia impedi-la, abraçou-a com força dizendo: “Eu vou morrer, mas não vou deixar você entrar na igreja”. Assim, o jovem e o homem-bomba morreram juntos. Nosso jovem ofereceu sua vida para salvar a de centenas de pessoas, meninos, meninas, mães, adolescentes e homens adultos que estavam orando dentro da igreja naquele momento. Akash tinha 20 anos de idade».

Após a explosão, quatro pessoas morreram no chão: o homem com os explosivos, um comerciante de legumes, uma menina de seis anos e nosso Akash Bashir. Seu sacrifício evitou que o número de mortos fosse muito maior. O Evangelho proclamado naquele dia lembrou as palavras de Jesus a Nicodemos: “Porque todo aquele que faz o mal odeia a luz e não vem para a luz para que as suas obras não sejam reprovadas. Por outro lado, quem pratica a verdade vem para a luz, para que fique claro que suas obras foram feitas em Deus” (João 3,20-21). Akash selou essas palavras com seu sangue de jovem cristão.

Em 18 de março, o arcebispo de Lahore presidiu uma celebração fúnebre ecumênica para Akash e os cristãos anglicanos, com a presença de 7.000 a 10.000 fiéis. Depois disso, o corpo foi transferido para o cemitério de Youhanabad,

onde foi enterrado em um túmulo construído pelo pai de Akash.

A vida de Akash Bashir é um poderoso testemunho das primeiras comunidades cristãs cercadas por filosofias, culturas adversas e perseguição. As comunidades dos Atos dos Apóstolos também eram minorias, mas com uma fé forte e coragem ilimitada, semelhante à dos cristãos no Paquistão.

O exemplo brilhante do ex-aluno salesiano Akash Bashir continua a inspirar o mundo. Ele viveu as palavras de Jesus: “Ninguém tem maior amor do que este, de dar a vida pelos seus amigos” (João 15,13).

Em 15 de março de 2022, o inquérito diocesano começou oficialmente, marcando um passo significativo em direção à possível beatificação do primeiro cidadão paquistanês. A conclusão do inquérito diocesano em 15 de março de 2024 é um marco fundamental no caminho para a beatificação e a canonização.

Termino lembrando novamente as palavras de Sua Eminência, o Card. Ángel Fernández sobre Akash Bashir:

“Ser santo hoje é possível! E é, sem dúvida, o sinal carismático mais evidente do sistema educativo salesiano. De modo especial, Akash é a bandeira, o sinal, a voz de tantos cristãos que são atacados, perseguidos, humilhados e martirizados em países não católicos. Akash é a voz de tantos jovens corajosos que conseguem dar a vida pela fé, apesar das dificuldades da vida, da pobreza, do extremismo religioso, da indiferença, da desigualdade social e da discriminação. A vida e o martírio desse jovem paquistanês de apenas 20 anos de idade nos fazem reconhecer o poder do Espírito Santo de Deus, vivo, presente nos lugares menos esperados, nos humildes, nos perseguidos, nos jovens, nos pequeninos de Deus. Sua Causa de Beatificação é para nós um sinal de esperança e um exemplo de santidade juvenil até o martírio”.

P. Gabriel de Jesús CRUZ TREJO, sdb
vice-postulador da causa de Akash Bashir

Orações e invocações indulgenciadas

Às vezes você ouve esta pergunta: Qual é a oração mais poderosa?

A formulação certamente está errada, pois leva a pensar em uma fórmula mágica, que tem poder sobre Deus, forçando-o a responder positivamente ao nosso pedido.

A pergunta mais correta seria: Qual é a oração que mais agrada a Deus?

Certamente é aquela feita com todo o coração, não apenas com os lábios.

Mas como muitas vezes não sabemos como orar, assim como Jesus ensinou aos apóstolos o “Pai Nosso”, a Igreja também propõe orações. E elas não são escolhidas ao acaso, mas têm sua origem na história da salvação, na bíblia ou na vida dos santos. E, devido ao seu alto valor doutrinário, algumas foram enriquecidas com indulgências.

Mas o que é uma indulgência?

Lemos no *Enchiridion indulgentiarum* (Manual das Indulgências) esta explicação:

“Uma indulgência é a remissão diante de Deus da pena temporal devida pelos pecados, já remidos quanto à culpa, que o fiel, devidamente disposto e sob certas condições, adquire por meio da intervenção da Igreja, que, como ministra da redenção, dispensa e aplica com autoridade o tesouro das satisfações de Cristo e dos santos”.

Mais explicitamente: não basta ter obtido o perdão da culpa no Sacramento da Reconciliação; é preciso reparar o dano causado (porque há dano, mesmo que não seja imediatamente visível), uma reparação que nem sempre é feita por meio da penitência imposta pelo confessor.

Isso também ocorre nas relações humanas. Por exemplo, se um jornalista escreveu erros sobre uma pessoa, não basta reconhecer o erro, ele deve fazer uma reparação, ou seja, retratar-se de seu erro. Ou, se uma pessoa produziu destruição material, não basta reconhecer a falha, ela deve reparar o dano. Ou, se um ladrão reconheceu seu crime e recebeu sua sentença, não é suficiente que ele repare o dano, ou seja, que devolva a propriedade roubada. É um ato de justiça, que entendemos muito bem quando somos as vítimas.

As orações indulgenciadas, se forem feitas com fé, obtêm para nós a remissão devida aos pecados de forma parcial ou até mesmo total (elas nos livram parcial ou totalmente da punição temporal). São João Bosco as tinha em alta estima e não perdia a oportunidade de propor não apenas orações, mas também obras indulgenciadas.

Propomos a seguir uma lista de orações indulgenciadas, apresentando seu uso, origem, onde se encontram no *Enchiridion indulgentiarum* (Manual das Indulgências) e a fonte do texto. Queira o Senhor que essas orações nos ajudem a progredir na vida espiritual.

Acesse a lista de orações e invocações clicando [AQUI](#).

A infância de um futuro santo: São Francisco de Sales

Francisco nasceu em 21 de agosto de 1567 no Castelo de Sales, em Thorens, perto de Annecy, na Saboia, em uma paisagem de montanhas e vales campestres.

O pai de Francisco era um homem leal, cavalheiresco, generoso e, ao mesmo tempo, emotivo e

impulsivo. Em virtude de sua sabedoria e senso de justiça, ele era frequentemente escolhido como árbitro em disputas e julgamentos. Ele também era muito acolhedor com os pobres da vizinhança, a ponto de dar sua sopa a um homem pobre em vez de mandá-lo mendigar. Santa Joana de Chantal desenhou este admirável retrato de Francisca, sua mãe:

Era uma das damas mais notáveis de sua época. Era dotada de uma alma nobre e generosa, mas pura, inocente e simples, como uma verdadeira mãe e nutriz dos pobres. Era modesta, humilde e bem-humorada com todos, muito tranquila em sua casa; governava sua família com sabedoria, preocupada em fazê-la viver no temor de Deus.

Quando nasceu Francisco, seu filho mais velho, ela tinha apenas quinze anos de idade, enquanto o marido tinha mais de quarenta. Essa diferença de idade não era incomum na época, especialmente entre os nobres, pois o casamento era considerado, antes de tudo, uma aliança entre duas famílias com o objetivo de ter filhos e aumentar suas terras e títulos. O sentimento contava pouco naquela época, o que não impediu que essa união aparentemente mal combinada se tornasse sólida e feliz.

A maternidade se anunciava como particularmente difícil. A futura mãe rezava diante do Santo Sudário, então guardado em Chambéry, capital da Saboia. Francisco veio ao mundo dois meses antes de sua data natural de nascimento e, temendo por sua sobrevivência, foi rapidamente batizado.

Em Francisco, o filho mais velho, estavam depositadas todas as esperanças de seu pai, que previa uma carreira de prestígio para ele a serviço de seu país. Esse projeto seria uma fonte de dificuldades durante toda a sua juventude, marcada por uma tensão entre a obediência ao pai e sua própria vocação particular.

Os primeiros seis anos (1567-1573)

Quando o pequeno Francisco nasceu, sua jovem mãe

não conseguiu amamentá-lo e recorreu a uma camponesa da aldeia. Três meses depois, sua madrinha, que era sua avó materna, cuidou dele por algum tempo.

“Minha mãe e eu”, ele escreveria um dia, “somos um só”. De fato, a criança “ainda não é capaz de usar sua vontade, nem pode amar nada além do seio e do rosto de sua querida mãe”. É um modelo de abandono à vontade de Deus:

Ele não pensa em querer estar de um lado ou de outro e não deseja nada mais do que estar nos braços de sua mãe, com quem ele acha que forma uma coisa só; nem se importa em conformar sua própria vontade à de sua mãe, porque ele não a percebe, nem se importa em tê-la, e deixa que sua mãe se mova, faça e decida o que ela acha que é bom para ele.

Francisco de Sales também afirmou que as crianças não riem antes do quadragésimo dia. Somente depois de quarenta dias elas riem, ou seja, são consoladas, porque, como diz Virgílio, “só então começam a conhecer sua mãe”.

O pequeno Francisco não foi desmamado até novembro de 1569, quando tinha dois anos e três meses de idade. Nessa idade, ele já havia começado a andar e a falar. Aprender a andar acontece progressivamente e muitas vezes as crianças caem no chão, o que não é nada grave, porque “enquanto sentem a mãe segurando-as pelas mangas, elas caminham rapidamente e vagueiam por aqui e por ali, sem se surpreenderem com os tombos que suas pernas inseguras as fazem levar”. Às vezes, é o pai que observa seu filho, ainda fraco e inseguro, enquanto ele dá os primeiros passos, e lhe diz: “não tenha pressa, meu filho”; depois, se ele cair, ele o encoraja dizendo: “deu um salto, é sábio, não chore”; então ele se aproxima e lhe dá a mão.

Por outro lado, aprender a andar, assim como a falar, acontece por imitação. É “à força de ouvir a mãe e de balbuciar com ela” que a criança aprende a falar o mesmo idioma.

Aventuras e brincadeiras na infância

A infância é a época da descoberta e da exploração. O pequeno Saboiano observava a natureza ao seu redor e ficava encantado com ela. Em Sales, na encosta das montanhas a leste, tudo é grandioso, imponente, austero; mas ao longo do vale, ao contrário, tudo é verdejante, fértil e agradável. No castelo de Brens, no Chablais, onde provavelmente ficou várias vezes entre os três e os cinco anos de idade, o pequeno Francisco pôde admirar o esplendor do Lago Lemano. Em Annecy, o lago cercado por colinas e montanhas nunca o deixou indiferente, como mostram as numerosas imagens literárias da navegação. É fácil perceber que Francisco de Sales não era um homem nascido na cidade.

O mundo dos animais, naquela época ainda tão presente em castelos, vilas e até cidades, é um encanto e uma fonte de instrução para a criança. Poucos autores falaram sobre isso tão abundantemente quanto ele mesmo. Muitas de suas informações (muitas vezes lendárias) foram extraídas de suas leituras; no entanto, a observação pessoal deve ter contado bastante, por exemplo, quando ele escreve que “a aurora faz o galo cantar; a estrela da manhã alegra os doentes, convida os pássaros a cantar”.

O pequeno Francisco considerou longamente e admirou o trabalho das abelhas, observou e ouviu atentamente as andorinhas, as pombas, a galinha choca e as rãs. Quantas vezes ele teve de assistir à alimentação dos pombos no pátio do castelo!

Acima de tudo, a criança precisa manifestar seu desejo de crescer por meio da brincadeira, que também é a escola da convivência e uma forma de se apropriar do ambiente ao seu redor. Será que Francisco brincava de balançar em cavalos de madeira? De qualquer forma, ele conta em um de seus sermões que “as crianças se balançam em cavalos de madeira, chamam-nos de cavalos, relincham para eles, correm, pulam, divertem-se com essa diversão infantil”. E aqui está uma lembrança pessoal de sua infância: “Quando éramos crianças, com que cuidado juntávamos pedaços de telhas, de madeira, de

barro para construir casinhas e prédios minúsculos! E se alguém as destruía, nos sentíamos frustrados e chorávamos”.

Mas a descoberta do mundo circunstante nem sempre acontece sem riscos e aprender a caminhar traz surpresas. Às vezes, o medo é um bom conselheiro, especialmente quando há um risco real. Se as crianças virem um cachorro latindo, “elas imediatamente começam a gritar e não param até que estejam perto da mãe. Em seus braços, elas se sentem seguras e, enquanto apertam sua mão, acham que ninguém pode fazer-lhes mal”. Às vezes, porém, o perigo é imaginário. O pequeno Francisco tinha medo do escuro, e aqui está como ele foi curado de seu medo do escuro: “Pouco a pouco, esforcei-me para ir sozinho, com meu coração armado apenas com a confiança em Deus, a lugares onde minha imaginação me assustava; no final, fiquei tão corajoso que considerava agradáveis a escuridão e a solidão da noite, por causa dessa presença de Deus, que em tal solidão se torna ainda mais desejável”.

A educação familiar

A primeira educação coube à mãe. Uma intimidade excepcional foi estabelecida entre a jovem mãe e seu filho primogênito. Dizia-se que ela gostava de acariciar o filho, que, além disso, era muito parecido com ela. Ela preferia vê-lo vestido como pajem em vez de em trajes esportivos. A mãe cuidava de sua educação religiosa e, preocupada em ensinar-lhe seu “pequeno credo”, levava-o consigo à igreja paroquial de Thorens.

Por sua vez, o menino experimentava todo o afeto de que era objeto, e a primeira palavra da criança era esta: “Meu Deus e minha mãe, me amam muito”. “O amor das mães para com seus filhos é sempre mais terno do que o dos pais”, escreveria Francisco de Sales, porque, em sua opinião, “lhes é mais difícil”. De acordo com uma testemunha, era ele quem às vezes consolava sua mãe em seus momentos de melancolia, dizendo-lhe: “Recorramos ao bom Deus, minha boa mãe, e ele nos ajudará”.

Com seu pai, ele começou a aprender um “espírito

justo e razoável". Ele o fez entender a razão do que lhe era pedido, ensinando-o a ser responsável por seus atos, a nunca mentir, a evitar jogos de azar, mas não os de destreza e inteligência. Ele certamente ficou muito satisfeito com a resposta que o filho lhe deu quando, de repente, ele lhe perguntou no que estava pensando: "Meu pai, eu penso em Deus e em ser um homem de bem".

Para fortalecer seu caráter, seu pai lhe impôs um estilo de vida viril, evitando os confortos corporais, mas também jogos ao ar livre com seus primos Amé, Luís e Gaspar. Acima de tudo, Francisco passou sua infância e juventude com eles, nas brincadeiras e no internato. Ele aprendeu a andar a cavalo e a manejar armas de caça. Ele também recebeu meninos do vilarejo como companheiros, mas cuidadosamente escolhidos.

Habitualmente um menino sábio e quieto, Francisco, no entanto, manifestava surpreendentes acessos de raiva em determinadas circunstâncias. Na ocasião da visita de um protestante ao castelo da família, ele deu vazão à sua animosidade contra as galinhas, que ele começou a espancar, gritando com toda a sua voz: "Vamos! Vamos! Ataquem os hereges!" Serão necessários tempo e esforço para se converter à "gentileza salesiana".

Entrada na escola

Aos seis ou sete anos de idade, a criança atinge o uso da razão. Para a Igreja, ela agora tem a capacidade de discernir o bem e o mal e, para os humanistas, pode começar a frequentar a escola primária. Essa é a idade em que as crianças de famílias nobres geralmente passam das mãos das mulheres para as dos homens, da mãe para o pai, da governanta para o tutor ou preceptor. A idade da razão também marcava, para uma pequena minoria de crianças, a entrada em uma escola ou em um internato. Agora Francisco demonstrava notável disposição para estudar; na verdade, tanta impaciência que implorava para ser mandado para a escola sem demora.

Em outubro de 1573, Francisco foi enviado para o internato em La Roche, na companhia de seus primos Amé, Luís e

Gaspar. Com a tenra idade de seis anos, Francisco foi separado de sua família. Ficar lá por dois anos para fazer sua “pequena escola de gramática”. As crianças alojadas na cidade, colocadas sob a supervisão de um pedagogo específico, misturavam-se durante o dia à massa de trezentos alunos que frequentavam o internato. Um empregado da família cuidava especialmente de Francisco, que era o mais novo.

De acordo com o que sabemos das escolas da época, as crianças começavam a ler e escrever, usando silabários e os primeiros elementos da gramática, a recitar orações e textos selecionados de cor, a aprender os rudimentos da gramática latina, as declinações e conjugações dos verbos. O compromisso com a memória, ainda muito dependente do método didático em uso, concentrava-se sobretudo em textos religiosos, mas já se enfatizava a qualidade da dicção, um traço característico da educação humanista. Em termos de educação moral, que então ocupava um lugar importante na educação humanista dos alunos, ela tomava seus modelos emprestados mais da antiguidade pagã do que dos autores cristãos.

Desde o início de seus estudos no colégio de La Roche, Francisco se comportou como um excelente aluno. Mas esse primeiro contato com o mundo escolástico pode tê-lo deixado com algumas lembranças menos agradáveis, como ele mesmo disse a um amigo. Será que nunca lhe aconteceu de faltar involuntariamente à escola e ficar “na situação em que às vezes se encontram os bons alunos que, tendo chegado atrasados, gazearam certas aulas”?

Eles certamente gostariam de voltar ao horário obrigatório e reconquistar a benevolência de seus professores; mas, oscilando entre o medo e a esperança, não conseguem decidir a que horas comparecer diante do professor irritado; devem evitar sua raiva atual sacrificando o perdão esperado, ou obter seu perdão, expondo-se ao risco de serem punidos? Em tal hesitação, o espírito da criança deve se esforçar para discernir o que é mais vantajoso para ela.

Dois anos depois, ainda com seus primos, ei-lo no internato de Annecy, onde Francisco estudará por três anos. Com seus primos, ele ficou na cidade com uma senhora, a quem chamava de tia. Depois dos dois anos de escola de gramática em La Roche, ele entrou no terceiro ano de estudos clássicos e fez um rápido progresso. Entre os exercícios usados no colégio estavam as declamações. O garoto se destacava nelas, “porque tinha um porte nobre, um belo físico, um rosto atraente e uma voz excelente”.

Parece que a disciplina era tradicional e severa, e sabemos que um regente se comportava como um verdadeiro disciplinador. Mas a conduta de Francisco não deixava nada a desejar; um dia ele mesmo pediria para ser castigado no lugar de seu primo Gaspar, que chorava de medo.

O evento religioso mais importante para uma criança era a Primeira Comunhão, o sacramento pelo qual “nos unimos e nos juntamos à bondade divina e recebemos a verdadeira vida de nossas almas”. Como ele diria mais tarde sobre a comunhão, ele havia preparado “seu pequeno coração para ser a morada d’Aquele” que queria “possuí-lo” por inteiro. No mesmo dia, ele recebeu o sacramento da confirmação, o sacramento pelo qual nos unimos a Deus “como o soldado com seu capitão”. Naquela ocasião, seus pais lhe deram o P. João Déage como tutor, um homem rude, até mesmo colérico, mas totalmente dedicado ao seu aluno, a quem ele acompanharia durante toda a sua formação.

No limiar da adolescência

Os anos da infância e da meninice de Francisco na Saboia deixariam uma marca indelével nele, mas também despertarão em sua alma os primeiros germes de uma vocação particular. Empenhado em dar aos outros um bom exemplo com discricção, ele intervinha com seus companheiros com iniciativas apropriadas. Ainda muito jovem, gostava de reuni-los para ensinar-lhes a lição de catecismo que estava aprendendo. Depois dos jogos, ele às vezes os levava para a igreja em Thorens, onde eles haviam se tornado filhos de Deus.

Nos dias de férias, ele os levava para passear nos bosques e à beira do rio para cantar e orar.

Mas sua formação intelectual estava apenas começando. Ao final de três anos no internato em Annecy, ele sabia tudo o que a Saboia poderia lhe ensinar. Seu pai decidiu mandá-lo para Paris, a capital do conhecimento, para torná-lo um “erudito”. Mas para qual colégio interno ele deveria enviar um filho tão talentoso? Sua escolha foi primeiro o colégio Navarre, frequentado pela nobreza. Mas Francisco interveio de forma inteligente com a ajuda de sua mãe. Diante da insistência do filho, o pai finalmente concordou em mandá-lo para o internato dos padres jesuítas em Clermont.

Significativamente, antes de partir, Francisco pediu para receber a tonsura, uma prática ainda permitida na época para meninos destinados a uma carreira eclesiástica, o que, no entanto, não deve ter agradado seu pai, que não desejava uma vocação eclesiástica para seu filho primogênito.

Tendo chegado ao limiar da adolescência, o menino começou uma nova etapa em sua vida. “A infância é linda”, ele escreveria um dia, “mas querer ser sempre uma criança é fazer uma escolha errada, porque uma criança de cem anos é desprezada. Começar a aprender é muito louvável, mas aquele que começa com a intenção de nunca se aperfeiçoar, estaria agindo contra a razão”. Depois de receber na Saboia os germes desses “múltiplos dons da natureza e da graça”, Francisco encontrará em Paris grandes oportunidades para cultivá-los e desenvolvê-los.

Ordenação episcopal do

Cardeal Ángel Fernández Artime

A Santa Sé anunciou em um comunicado de imprensa emitido pela Sala de Imprensa em 5 de março de 2024 que o Papa Francisco decidiu a ordenação episcopal do Cardeal Ángel Fernández Artime, sdb, Reitor-Mor da Sociedade Salesiana de São João Bosco, atribuindo-lhe a sede titular de Ursona, com dignidade arquiépiscopal. Trata-se de uma antiga sede episcopal na Espanha (século IV), que se localizava na cidade de Ossuna, sufragânea da arquidiocese de Sevilha, e que, desde 1969, é contada entre as sedes episcopais titulares da Igreja Católica.

A ordenação episcopal ocorre de acordo com a Carta Apostólica “Motu Proprio”, Cum gravissima, do Papa João XXIII, sobre a dignidade episcopal a ser conferida a todos os cardeais (15 de abril de 1962), e está programada para o próximo dia 20 de abril.

Ele é o primeiro Reitor-Mor a ser nomeado cardeal e também o primeiro Reitor-Mor a ser nomeado arcebispo da Igreja Católica.

Após essa elevação ao cardinalato, vários eventos ocorreram e outros se seguirão:

- Em 9 de julho de 2023, no final do Angelus, o Papa Francisco anunciou sua criação como cardeal;
- Em 30 de setembro de 2023, ele foi criado cardeal, recebendo o barrete e o anel cardinalício no Consistório Público Ordinário;
- Em 4 de outubro de 2023, tomou posse na Cúria Romana, sendo nomeado membro do Dicastério para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica (DIVCSVA);
- Em 17 de dezembro de 2023, tomou posse da diaconia de Santa Maria Auxiliadora na Via Tuscolana;
- Em 20 de abril de 2024, está programada a ordenação

episcopal, que será feita mediante a imposição das mãos e a oração de ordenação pelo S. E. R. Card. Emil Paul TSCHERRIG, Nuncio Apostólico Emérito na Itália e na República de San Marino, ao qual se juntará Sua Eminência o Cardeal Cristóbal LÓPEZ ROMERO, sdb, Arcebispo de Rabat (Marrocos) e por S. E. R. Dom Lucas VAN LOOY, sdb, Bispo Emérito de Gent (Bélgica). A celebração será realizada na Basílica Papal de Santa Maria Maior, em Roma, e terá início às 15h30;

– Em 16 de agosto de 2024, fim do mandato como Reitor-Mor e início do serviço na Santa Sé, de acordo com a missão que lhe será confiada.

Seu sucessor à frente da Congregação Salesiana será eleito no 29º Capítulo Geral da Congregação (que se realizará de 16 de fevereiro a 12 de abril de 2025), já convocado, segundo as Constituições Salesianas.

Desejamos ao nosso Reitor-Mor, Cardeal Ángel, todo o sucesso em seu serviço à Igreja Universal.